

R E V I S T A

ISSN 2764-3867

CONHECIMENTO & CIDADANIA

VOL. III | Nº 41 - ABRIL 2024



Sufocados

EDITORIAL

A Revista Conhecimento & Cidadania foi criada por uma família e amigos com o propósito de levar compreensão dos acontecimentos atuais e históricos ao maior número de pessoas possíveis. E exatamente por isso ela é totalmente gratuita e digital.

Leandro Costa - Editor-Chefe
Munique Costa - Editora Adjunta
Pedro Costa - Editor Auxiliar

Produção e Designer

Leandro Costa
Munique Costa

Redação

Leandro Costa
Munique Costa
Pedro Costa

Colunistas

Danielle Jesus
Edson Araujo
Erika Figueiredo
Juliette Oliveira
Leandro Costa
Mauricio Motta
Neto Curvina

O conteúdo desta edição foi produzido por voluntários que autorizaram a publicação de seus trabalhos, não sendo remunerados, sendo-lhes garantida a menção de autoria.

 Canal whatsapp Revista Conhecimento & Cidadania

 revistaconhecimentocidadania@gmail.com

 @revistaconhecimentocidadania

 @revistaconhecimentocidadania

 @RevConhecimento

 @conhecimentocidadania



Leandro Costa

EDITOR-CHEFE

Servidor público,
advogado impedido,
professor de Direito,
autor do livro: Direito nas
Escolas e Diretor na
ABRAJUC.

Revista Conhecimento &
Cidadania

Vol. III – N° 41

Abril de 2024

Rio de Janeiro – RJ

Menezes Costa

CNPJ 28.814.886/0001-26

ISSN 2764-3867

COLUNISTAS

LEANDRO COSTA

Servidor público, advogado impedido, professor de Direito, Diretor Acadêmico do projeto Direito nas Escolas e editor-chefe da Revista Conhecimento & Cidadania..

MAURICIO MOTTA

Professor licenciado em História Pós-graduado em História do Brasil.

ERIKA FIGUEIREDO

Promotora de Justiça. Escritora, Professora/Palestrante. Colunas Tribuna Diária/Conservador Parahyba.

EDSON ARAUJO

Palestrante, estudante de filosofia e teologia.

DANIELLY JESUS

Jornalista (DRT), YouTuber, podcaster (Cafe com Dani no Spotfy), escrevo para os sites Mundo Conservador e PHVox, sou radialista na web rádio Atroz FM.

JULIETTE OLIVEIRA

Teóloga, filósofa e engenheira

NETO CURVINA

Ministro do Evangelho e escritor

Sufocados



O ditador soviético Joseph Stalin, um dos piores tiranos da história da humanidade infelizmente conserva admiradores até os dias atuais, a besta em forma de gente que deveria receber o mesmo tratamento do líder nazista Adolf Hitler, segundo relatos, impunha àqueles sujeitos aos seus desmandos que demonstrassem vassalagem incondicional, uma espécie de obediência irrestrita que deveria ser exaltada através do culto à personalidade da nefasta figura e de seu, igualmente bestial antecessor.

O abjeto regime se sustentava pela imposição do medo, do culto aos seus falsos deuses e de serviçais despídos de moral que se alimentavam da carne de seus pares, uma ração aos porcos que sustentavam o poder à custa do povo. A horda estava sempre faminta por bênçãos dos senhores do regime e faria tudo para que a tirania lhe concedesse um “lugar ao sol”.

Uma das formas de demonstração de subserviência imposta pelo líder soviético era o aplauso forçado, uma vez que, em regra, após um discurso do ditador, a plateia se via compelida a aplaudi-lo até que fosse autorizado o cessar da bajulação. Parece algo patético quando observado por alguém que vive em um país livre, ou acredita viver em um, todavia, basta lembrar que qualquer gesto que desagradasse o facinora poderia fazer com que o nome do “insurgente” fosse escrito na lista daqueles que seriam enviados ao sistema Gulag. Havia também a possibilidade de uma espécie de vingança coletiva, como o caso do Holodomor, no qual, para grande parte dos que relataram o nefasto episódio, se verificam fortes

Leandro Costa

indícios de uma retaliação do líder soviético contra um povo que não era favorável à revolução comunista.

O medo se tornou uma arma para os poderosos, haja vista que, assim como em uma sanção legitimamente aplicada, o temor em relação a penalidade possui um caráter pedagógico. Ao perceber que um crítico do sistema, desafeto do ditador ou mesmo aquele que não externasse devoção aos líderes revolucionários tinha um terrível destino como punição, os demais cidadãos restavam amedrontados demais para se erguer face à tirania.

Incutir o pavor é essencial ao regime totalitário, seja ele qual for, considerado que o pânico leva os indivíduos a medidas impensadas, tornando-os reféns dos senhores poderosos. A pandemia de Covid foi um exemplo gritante de como as pessoas tornam-se frágeis em momentos de caos, não questionando medidas arbitrárias, mesmo que injustificadas, cumprindo ordens de governos sem, ao menos, buscar correlacionar qual o nexos causal entre a restrição e a propagação da doença. A fim de melhor ilustrar, basta imaginar as proibições de circulação em determinados horários, como se o vírus propagador da moléstia se recolhesse no período noturno, o que não ocorria.

Uma vez reduzidos a um aglomerado de desesperados diante do caos, os indivíduos reduzem a sua capacidade de raciocínio conforme a pressão aumente e os poucos que conservarem sua lucidez devem ser destruídos, impedindo que alertem o rebanho. Surge assim aquilo que conhecemos como espiral do silêncio, posto que, parte dos cidadãos temem a pesada mão dos tiranos e os demais são, literalmente, atacados para que se calem.

Os que insistem em se arriscar em nome daquilo que acreditam acabam por servir como mártires, sacrificados aos senhores revolucionários como símbolos de devoção incondicional da população. Resta aos indivíduos se curvar à tirania ou ainda pior, serem apontados por acusadores por infrações inventadas.

Os acusadores, covardes que se usam a servidão como escudo, apontam os insurgentes e todos aqueles que os desagradam para que os déspotas que ocupam posição de poder possam promover a execução pública de opositores e desafetos, não apenas como um ato de expurgo ou vendeta, mas, principalmente, pela promoção do medo, aquebrantando a moral dos que assistem atônitos a execução de um inocente, desejando, sobretudo, que tal desgraça não caia sobre seus ombros.

Não por acaso, na extinta, e nada saudosa, União Soviética, os [cidadãos denunciavam uns aos outros](#), uns acreditando colaborarem com a justiça e outros, para obterem vantagem junto ao Estado, seja mero reconhecimento, por fim, os mais desprezíveis eram aqueles que o faziam para subjugar seus desafetos.

Apenas como hipótese, se um tirano aplica, de forma injustificada, uma sanção como execução, prisão, ostracismo, censura ou cassação a um nobre, político, magistrado ou oficial de alto escalão, o

Leandro Costa

principal efeito não é o mal causado e sim o temor que nascerá no coração daqueles que, sem a proteção de um título de nobreza, prerrogativa de cargo ou patente, estarão sujeitos a abusos, que poderão ser ainda piores, por parte do nefasto detentor do poder.

O acusador, por sua vez, encontrar-se-á preso entre os sentimentos de medo e poder, como aquele estereótipo do capanga de um antagonista perverso, que se submete aos caprichos de seu senhor para exercer uma forma de poder sobre terceiros, mesmo estregando sua dignidade. Uma criatura abjeta que, acreditando no poder de seus mestres, persegue como um cão de caça todos aqueles que representem ameaça ao sistema ao qual jurou vassalagem, ao passo que teme os poderes daquele que serve.

Traduzindo-se como um grande clichê cinematográfico, a figura ignóbil se regozija diante do sofrimento de indivíduos que não se curvam à sua vontade, assumindo uma postura intermediária de poder, trocando a humilhante escravidão por favores e riquezas. Por isso, nós, que somos alienígenas em relação às sociedades nazista, fascista, socialistas, como a soviética, a chinesa, a cubana ou a norte-coreana, temos dificuldades de assimilar como indivíduos serviram de olhos e ouvidos da tirania implantada naqueles países.

Não faltam exemplos de cães de caça do sistema, sendo os mais clássicos os que denunciavam judeus ao regime nazista, e os mais atuais, aqueles que [vigiam festas de aniversário na pandemia](#), perseguiam não vacinados e os que apontaram judeus em universidades norte-americanas em sua defesa do grupo jihadista Hamas, dissimulada de apoio aos palestinos. Na revolução francesa e soviética não faltaram indivíduos desalmados que se entregaram à missão de entregar quem não era totalmente favorável aos revolucionários.

De fato, alguns se prestam ao malfadado papel de caçadores por medo ou por acreditarem nos ideais revolucionários, não sendo, de qualquer forma, sujeitos que conservem a moral, tendo em vista que, apesar de movido pelo medo, a sujeição à vontade de tiranos deve ser evitada e, por outro lado, os que realmente compactuam dos ideais revolucionários, comungam da maldade de seus líderes. A tirania só é capaz de sufocar as liberdades quando consegue controlar, por convencimento, medo ou favores grande parte dos cidadãos, entretanto, o convencimento não funcionará com a maior parte dos indivíduos, uma vez que, sendo os revolucionários relativistas, pedirão que os indivíduos se desnudem dos conceitos de certo e errado, de bem e mal, fazendo com que pratiquem, como forma de ritual macabro de devoção, atos que não o fariam em situação normal.

Os lamentos dos norte-coreanos em razão da morte do pai do atual ditador daquele país são claro exemplo de humilhação exigida como prova de devoção, contudo, há diversos exemplos mais esdrúxulos que poderiam ser mencionados, como sujeitar crianças a experimentos de ordem irreversível em nome de ideologias que pregam a suposta defesa de grupos minoritários, ainda que sejam seus próprios filhos.

Leandro Costa

Estes agentes, tão nocivos quanto seus mestres, acabam por causar o mal a inúmeros cidadãos, pois, a fim de receberem o reconhecimento dos tiranos, buscam, cada vez mais, caçar novas vítimas, de certa forma, mostrando eficiência e lealdade. É indispensável que a sociedade, em geral, relegue tais criaturas ao ostracismo natural que merecem, nota-se que não se trata de uma punição formal aplicada pelo poder estatal, mas o abandono merecido em razão do amadurecimento dos membros de uma determinada sociedade.

O grande mestre no campo da comunicação é a mídia mainstream, portanto, aliciando ou destruindo, da mesma forma que todo aquele que se coloca como intermediário do poder, a grande mídia busca sufocar a comunicação descentralizada, corrompendo aqueles que pretendam servir ao poder como todos os acusadores o fizeram no passado.

A mídia mainstream tem sofrido os efeitos do ostracismo natural, sendo gradualmente abandonada pelo público em razão de sua perda de credibilidade, não por ataques coordenados como tenta, em mais uma frustrada tentativa, convencer as pessoas, mas devido ao descrédito conquistado por sua desfaçatez no tratamento dispensado ao público. Se por vezes não se importa em tratar o receptor da mensagem como um total incapaz, abusando dessa suposta ignorância para corromper a informação, em outras ocasiões, assume papel com clara vertente ideológica negando a presença de tal inclinação, tão somente para se rotular, falsamente, como isenta em relação às notícias.

A falência de um meio de comunicação não se mede pelo volume de suas operações financeiras, em que pese haja relevância em tal indicador, mas pela capacidade de convencimento e credibilidade que goza junto ao público em geral. Quando um determinado canal ou influenciador torna-se incapaz de arrebanhar um número de seguidores, especialmente quando sua missão é inserir no imaginário popular determinado comportamento que deseja conduzir, está desgraçadamente destruída em sua essência.

A mídia mainstream tão acostumada a tratar seus espectadores como meros receptores acéfalos de sua propaganda inserida na informação, por vezes até suprimindo toda a informação, perdeu o respeito pelo destinatário da mensagem, frequentemente, tratando com desdém valores que são caros ao público em geral. Assumindo o rótulo, fantasioso, de opinião pública, os grandes meios de mídia conseguiram convencer os governos e grande parte da população de que sua opinião editorial era a opinião do povo, ao menos em sua maioria.

A grande imprensa se aproveitava do fato do povo não ter um canal para propagar sua voz, por isso, insinuava, com sucesso, que a voz do povo era aquela que se propagava pela opinião do jornalista, o melhor termo seria comunicador, mas a expressão jornalista, a despeito de sua terminologia acadêmica, melhor se enquadra para exprimir aqui o profissional que, mesmo sem formação específica, fala em um determinado veículo de imprensa.

Leandro Costa

Fazendo-se passar pela opinião pública, sem quaisquer meios de legitimidade, a imprensa assumiu uma face do poder, a propaganda que convencia as pessoas, por vezes forçando políticos, dependentes de apoio popular, a se dobrarem diante de seus anseios, entretanto, nascera um conluio entre a propaganda e o uso do poder efetivo, de maneira que a mídia e o Estado se seduziram mutuamente em uma espécie de dança macabra, criando assim o estamento burocrático como o conhecemos. Evidentemente, o crime organizado e outras associações tornaram-se parte do estamento, todavia, não é o foco em se tratando de liberdades.

Com o surgimento de meios que possibilitavam aos indivíduos a interação, em síntese, viabilizando que cada um pudesse expor suas visões, ou seja, opinar em seu próprio nome, retirando da mídia mainstream a falsa bandeira na qual se autoproclamava a voz do povo. Em verdade, [calar a informação descentralizada](#) simboliza a restauração do título de opinião pública à grande mídia.

Os cães de caça, mesmo os que ascenderam a um determinado status social no seio da mídia descentralizada, passaram a propagar que a liberdade de expressão deve ser relativizada, calando toda a voz dissonante da opinião do estamento, assim, retoma-se a tática da espiral do silêncio, de maneira que o controle sobre a informação, bem como, a opinião popular, na verdade a opinião do cartel de imprensa, seja alinhada aos anseios dos poderosos.

Acreditam que aqueles que servirem de forma mais aguerrida serão convidados às dependências dos suntuosos palácios dos [líderes revolucionários](#), não custa observar como alguns dos influenciadores mais famosos e alinhados ao estamento acabam participando de produções da grande mídia, sendo, nitidamente, acolhidos em troca de sua vassalagem.



Leandro Costa

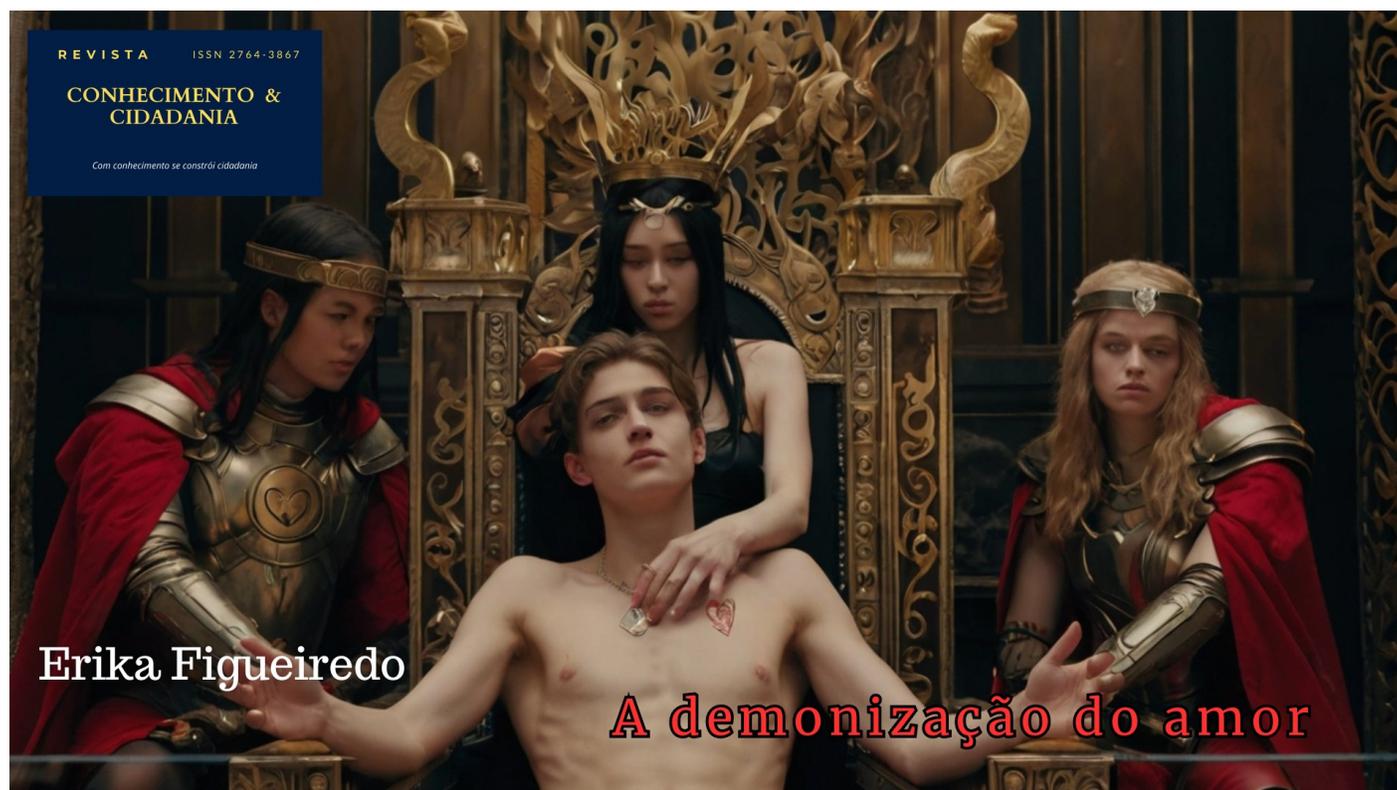
O idiota útil é uma figura extremamente perigosa, justamente, por sua servidão ser consequência de sua ausência de moral. A tirania se serve de tais figuras como cães esticando seu alcance em razão de seus préstimos, todavia, não há lealdade ou consideração entre aqueles que buscam um lugar no imaginário “Olimpo” dos déspotas senhores da revolução.

Como o mal se destrói por si, a queda daqueles que adulam poderosos tiranos precederá a de seus próprios líderes, devemos sempre observar que o navio afundará afogando os que estão nas camadas mais baixas, certo que pedirão por ajuda aos mesmos que outrora ajudaram a perseguir. Permanecendo, prudentemente vigilantes, que não nos deixemos sufocar, mesmo que, por enquanto, não possamos dizer tudo aquilo que percebemos.

[Acesse aqui](#)



A demonização do amor



Não me levem a mal, mas o AMOR é o sentimento que mais sofre discriminação, no mundo moderno. As diversas formas de ideologia, os múltiplos gêneros, o feminismo, a individualidade exacerbada, o narcisismo, o culto excessivo ao corpo, a instantaneidade das relações, tudo isso extirpa o AMOR na sua origem, não permitindo que ele floresça, quiçá que ele exista. Afinal, como você vai viver para alguém, se há um mundo de oportunidades te esperando lá fora!

Todos nós vivemos em uma sociedade, na qual o que se persegue é o tripé dinheiro, sucesso e poder. A tudo isso, vieram aliar-se a obsessão estética, a busca de modelos a serem imitados e do prazer.

O amor, pobre coitado, tornou-se um item desprezado, no fim dessa lista de atributos, que as pessoas lutam para conquistar, mal dando-se conta de que estes não lhes trarão a famosa FELICIDADE.

Porque o amor não pode ser tratado como mais um atributo. Ele também não é um sentimento. O AMOR É, NA VERDADE, A FIRME DISPOSIÇÃO DE SEGUIR AO LADO DA PESSOA ESCOLHIDA. ATÉ O FIM. HAJA O QUE HOVER. Ué, então peraí, tudo que aprendemos sobre o sentimento AMOR é uma falácia: sim e não. Em verdade, existe mesmo a idealização romântica do amor, a tendência a buscar o frisson, a magia, o tremor de mãos e o frio no estômago, que a sensação de desejar alguém desperta em nós.

Erika Figueiredo

Isso outras emoções podem nos trazer. Como uma grande vitória. Um ganho financeiro. O alcance de uma meta. A medalha em um esporte. A conquista de um árduo objetivo. Mas, somente a ATITUDE AMOROSA, a FIEL DETERMINAÇÃO DE AMAR, pode afastar os dias nebulosos, o peso das doenças, a malcriação de um filho, a exaustão do fim do dia, as perdas da vida.

Pergunte à mãe desse filho desobediente, se ela é capaz de amá-lo menos, quando vai dormir. Pergunte ao esposo devotado se ele abandonará sua esposa, em um caso de doença grave. Ou a uma família unida se, nos dias difíceis, eles deixam de se querer bem.

A resposta será negativa. Porque o verdadeiro amor é essa determinação de, em qualquer circunstância, poder doar-se, entregar-se, consumir-se pelo ser amado. De perdoá-lo. Ampará-lo. Ajudá-lo. Ser seu Norte e seu melhor amigo.

Então, evidentemente, em um mundo no qual tudo é consumível, tudo pode ser adquirido pelo dinheiro ou conquistado pela força bruta, pelo poder e pela influência, não há como levar-se o AMOR a sério.

Se as pessoas estão apaixonando-se pelas outras por seus dotes ou atributos exteriores, como carro, dinheiro, status, sucesso, corpo, emprego e tantos outros, como seriam elas capazes de manter uma fiel determinação de permanecer, ao lado de seus objetos de desejo, quando estes nada mais tivessem a oferecer-lhes...

Mas, ao mesmo tempo que é possível entender isso, é necessário que se compreenda algo muito mais profundo, cuja ausência, no mundo moderno, está destruindo a HUMANIDADE das pessoas, transformando-as em mercadorias ou seres robotizados, fazendo com que deprimam-se, sintam-se vazias, sem sentido para suas vidas, sem propósito existencial.

O que está nos matando como civilização, impedindo que nos sintamos pertencendo a algo ou a algum lugar, deixando-nos à deriva sobre o que buscamos, a fim de taparmos os buracos emocionais, entupindo-nos de remédios para dormir, ansiolíticos, suplementos, vitaminas, anabolizantes, estimulantes sexuais, procedimentos estéticos, pílulas mágicas e o que mais houver na indústria estético-farmacêutica, ou entorpecendo-nos com drogas e sexo fácil é: NÃO EXISTE VIDA COM SENTIDO, SE NÃO NOS DOARMOS PARA ALGUÉM.

Esqueçam toda a baboseira que lhes foi ensinada, de que a mulher só é feliz se competir em igualdade de condições, o homem só é realizado se sair com todas as mulheres que conseguir, que a felicidade está em se bastar, que o importante na vida é ganhar dinheiro, ter um corpo sarado, fazer todas as noitadas possíveis e experimentar de tudo.

Erika Figueiredo

Só existe a real felicidade quando podemos nos doar para alguém. Seja esse alguém seu companheiro, filho, parente, agregado, amigo – é preciso ser capaz de se entregar, do fundo da sua alma, para uma pessoa. Os sacerdotes entregam-se a suas igrejas, e é esse o mesmo raciocínio do amor interpessoal. Não há felicidade que não passe, necessariamente, por uma entrega pessoal.

E não vale entregar-se para o pet! Ser pai de pet não valida essa determinação de amar, uma vez que a sua troca com o animalzinho jamais poderá igualar-se à troca humana, com seus inúmeros desafios, aborrecimentos, suas concessões, alegrias e realizações.

É extremamente complexo, pois o mundo encaminha-se para um discurso do “eu me amo e me basto”, diante do qual poucos afetos verdadeiros pararão de pé. Sequer surgirão. Observe bem: está cada vez mais difícil encontrar alguém que queira se entregar e viver essa troca afetiva, tão complexa e única, que só o amor proporciona.

Mas, acreditem: independentemente do que foi dito para vocês, o AMOR EXISTE, ELE VALE A PENA, EL TRANSFORMA AS VIDAS DOS ENVOLVIDOS E FAZ COM QUE SE TENHA ESPERANÇA NO SER HUMANO.

Só a espécie humana foi dotada de alma, sendo a única capaz de sentir. Os animais, independentemente do que se defenda, não possuem essa capacidade. Isso não sou eu quem diz, é a biologia. Os ANIMAIS CONDUZEM-SE POR INSTINTOS. E nós, humanos, estamos comportando-nos como eles, perseguindo o prazer o tempo todo!

Portanto, chegamos a uma encruzilhada: ou as pessoas compreendem que é preciso buscar nos outros VIRTUDES (pois estas, uma vez adquiridas, não são perdidas, demonstrando de modo fiel quem o outro é), ou continuarão se frustrando a cada relação, interrompendo o romance porque o outro engordou, ficou pobre, perdeu o emprego, ficou careca, impotente ou algo do tipo.

AMOR, meus caros, necessita de essência para prosperar. Escolher permanecer é algo que se constrói, dentro de nós. E é apenas lidando com o interior do outro, e não com suas posses ou com sua aparência, coisas as quais o tempo e as circunstâncias podem consumir, que essa riqueza pode ser encontrada e partilhada.

Em relações amorosas, evidente é que a aparência importa e faz com que as pessoas aproximem-se. Simpatia, inteligência, idem. Contudo, somente algo na essência do outro, será capaz de capturar você, de forma irremediável. Que o homem moderno possa compreender que a chave não está fora, mas sim dentro do outro.

Testemunhas atávicas da História



Maurício Motta

Testemunhas atávicas da História

REVISTA ISSN 2764-3867

CONHECIMENTO & CIDADANIA

Com conhecimento se constrói cidadania

Houve um tempo em que éramos jovens. Assim como quase todos os jovens, éramos idealistas, às vezes rebeldes, ou um tanto radicais. Aqueles tempos eram intensos, quanto aos sentimentos, desejos, sonhos e aspirações. Para muitos, aqueles tempos deixaram saudades, não exatamente pelo contexto externo – turbulento – mas quem sabe pelas paixões interiores que deixaram marcas e que resistiram ao tempo. Ah, a juventude!

Hoje podemos observar alguns de nossos antigos companheiros de aventuras, ou ainda aqueles que já àquela época tinham mais idade que nós. Observamos também aqueles que só conhecemos na maturidade, mas que também viveram experiências semelhantes naqueles tempos. Alguns se mantiveram fiéis aos antigos ideais e ideologias, outros seguiram julgando todas as coisas e retendo o que fosse bom. Damos neste singelo tributo aos antigos amigos, hoje apartados de nós pelos mesmos motivos que nos uniam, o benefício da amizade. O que queremos dizer com isso?

Falaremos um pouco e de forma certamente muito superficial, sobre os amigos de esquerda, socialistas veteranos, conscientes ou não de sua militância. Geralmente, nas rodas de conversa, costumamos dividir os “esquerdistas” em três tipos muito facilmente identificáveis: aquele que sabe o que o socialismo é e se beneficia de suas injustiças; aquele que pensa que sabe o que o socialismo é e espera se beneficiar dele, achando que luta contra as injustiças do capitalismo; aquele que não faz ideia do que o socialismo é, mas espera de alguma forma se beneficiar, agora ou no futuro. Nossos amigos de esquerda não se enquadram em nenhum dos três modelos. Sabem o que o socialismo é, esperam se beneficiar dele

Maurício Motta

algum dia, enquanto repetem a cantilena de que o socialismo jamais foi aplicado na prática. Mas afinal, se sabem a verdade, o que poderia mantê-los firmes neste propósito por tantos anos?

Edward John Mostyn Bowlby, psicólogo, psiquiatra e psicanalista britânico e Leon Festinger, psicólogo americano, nos auxiliaram a encontrar um caminho para entender este fenômeno. É bom deixar claro que aparentemente encontramos um caminho entre outros tantos possíveis. Nos meados do século XX, emergiram movimentos sociais que desafiaram as estruturas políticas e econômicas estabelecidas. Entre esses movimentos, o socialismo ganhou destaque, atraindo jovens idealistas que buscavam uma sociedade mais justa e igualitária. Sim, normalmente os idealistas têm boas intenções. À luz das teorias de Bowlby sobre o apego e de Festinger sobre motivação cognitiva, podemos compreender por que alguns indivíduos das gerações dos anos 60, 70 e 80 mantêm um vínculo tão forte com os ideais socialistas, mesmo décadas após o seu auge, mesmo após a sua queda, mesmo após a verdade ser desnudada através de mídias como a internet.

A teoria do apego de Bowlby postula que os primeiros anos de vida são cruciais para o desenvolvimento de vínculos emocionais duradouros. Esses vínculos não se limitam apenas às relações interpessoais, mas também se estendem a sistemas de crenças e ideologias. Assim como as crianças usam seus cuidadores como uma “base segura”, as ideologias e visões de mundo estabelecidas na juventude podem servir como uma base psicológica segura na vida adulta. Essas ideologias oferecem segurança e estabilidade emocional, proporcionando um quadro de referência consistente para entender o mundo. Assim, as figuras de apego na infância, como pais e outros cuidadores, têm uma influência significativa na formação das ideologias e visões de mundo. As ideologias e crenças transmitidas tendem a ser internalizadas e mantidas ao longo da vida, devido ao forte apego emocional. Por outro lado, novas ideias ou novas visões de mundo podem gerar ansiedade e medo do desconhecido, levando as pessoas a se apegarem às ideias que lhes sejam familiares para evitar o desconforto causado pela incerteza, assim como proposto por Bowlby.

No contexto das gerações dos anos 60, 70 e 80, muitos jovens foram influenciados por um clima social e político que promovia valores socialistas e de igualdade. Não devemos esquecer que as narrativas de viés esquerdista vêm dominando o cenário midiático há mais de 50 anos e que, para aqueles que nasceram mergulhados em tal cenário, despertar para novos pontos de vista é algo bastante desafiador.

Por outro lado, Festinger propôs a teoria da dissonância cognitiva, que sugere que os indivíduos buscam manter a consistência entre suas crenças e comportamentos. As pessoas têm uma motivação intrínseca para manter suas crenças existentes, mesmo quando confrontadas com informações contraditórias. Portanto, uma vez que as ideologias e visões de mundo são formadas, elas tendem a ser mantidas, independentemente de novas informações que possam surgir. No contexto dos adeptos do

Maurício Motta

socialismo das décadas passadas, permanecer fiel aos ideais socialistas pode servir como uma forma de reduzir a dissonância cognitiva. O apoio contínuo aos partidos de esquerda e líderes socialistas pode ser visto como uma maneira de validar suas antigas crenças e manter a coerência interna.

As pessoas tendem a procurar informações que confirmam suas crenças existentes e ignorar ou descartar informações que as desafiam, o que é normalmente conhecido como "viés de confirmação". Isso pode levar a uma persistência nas ideologias adquiridas na juventude. Esse viés, combinado com o apego emocional às ideologias, pode resultar na manutenção e reforço contínuo dessas ideologias ao longo da vida adulta. Tão complexo quanto o viés de confirmação, é a tendência a romantizar o passado, que pode levar as pessoas a se apegarem às ideologias e visões de mundo, mesmo que essas ideias não sejam mais adequadas ou relevantes para sua vida atual. Essas teorias oferecem uma compreensão interessante de como as ideologias e visões de mundo se tornam parte integrante da identidade e da psique de uma pessoa, influenciando sua forma de pensar, agir e interagir com o mundo ao seu redor.

Muitos daquelas gerações, continuam a manter um forte apego aos ideais da esquerda, apesar das mudanças sociais e políticas ocorridas desde então. Sob a perspectiva das teorias de Bowlby e Festinger, podemos entender esse fenômeno como resultado de vínculos emocionais formados na juventude, combinados com a motivação para manter a coerência cognitiva e emocional. Enquanto o mundo evolui, o apego às raízes socialistas permanece como um testemunho duradouro do impacto dos aspectos emocionais sobre o comportamento de alguns de nossos amigos.

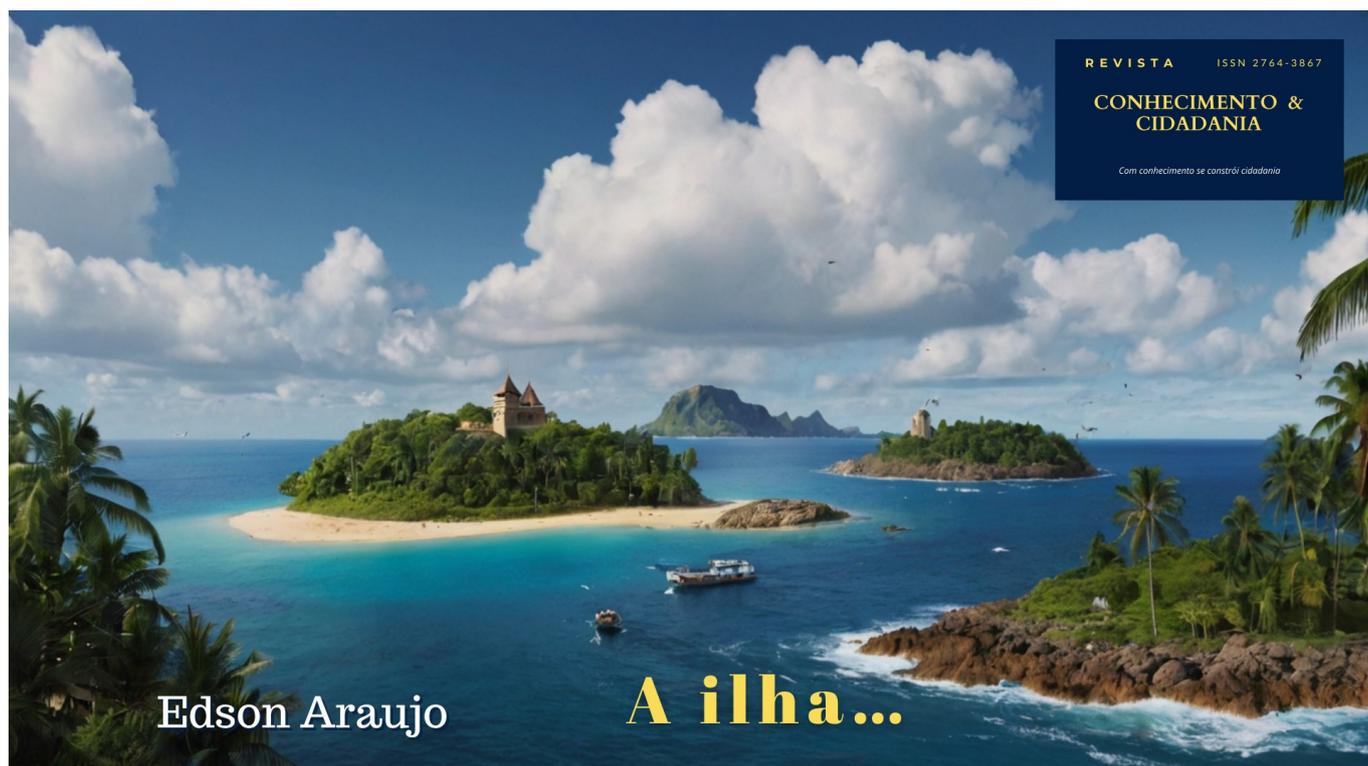
Nossos amados amigos, por algum motivo, parecem ter fincado raízes numa suposta era de ouro onde “havia um tempo em que eu vivia um sentimento quase infantil. Havia o medo e a timidez, todo um lado que você nunca viu” (...). É como se ao som do RPM, todas as experiências que vieram depois, fossem pautadas por uma ingenuidade e infantilidade. Pelas mesmas viciantes emoções do passado. Ah, o apego... Ah, o atavismo...

Ao finalizar este artigo, fazemos também um *mea culpa, mea máxima culpa*. Entendemos que em nome da amizade temos observado nossos amigos enquanto sofremos da síndrome de Pollyana, indulgentemente ignorando-lhes qualquer vilania e buscando nós mesmos, em reconhecido apego à nossa história, manter-nos fiéis e apegados aos bons momentos compartilhados. Se estivermos sendo também vítimas do que expuseram as teorias de Bowlby e Festinger, pedimos a vossa indulgência.

É certo que devemos lutar por nossos ideais, defender a justiça e o bem comum, e o Brasil, mas se o preço deste sucesso for a frieza de coração e a solidão dos monumentos, de que terá valido o esforço? O caminho do equilíbrio e do bem senso, aliado à paciência e à indulgência podem trazer bons frutos de amizade, tolerância e fé no futuro.

Adversários são vencidos, inimigos são destruídos. Adversários muitas vezes, inimigos jamais!

A ilha...



Esse é um texto de cunho fictício e que propõe um exercício mental com foco na imaginação, e tem como objetivo despertar a consciência humana em seus leitores.

Havia um país muito extenso, seu território era um dos maiores daquele mundo. Neste país a população passava por um momento histórico muito difícil e cada região tinha sua particularidade, pois fora formado por diversos povos que de outros locais que por motivos diversos foram viver naquelas terras.

Entre tanta decadência moral não eram raros os casos de censura, perseguição política, prisões ilegais e o aparelhamento das instituições para proteção de algumas ideologias.

Neste contexto havia em uma determinada região uma localidade conhecida como, “A ILHA”.

Lá ouvia-se denúncias de todo o tipo de perversidade, inclusive em um nível tal que mesmo em um texto de ficção é difícil expressar. Tudo isso protegido por uma poderosa rede de contatos com pessoas poderosíssimas daquelas terras e de todo aquele mundo.

Com tudo, certa vez em uma oportunidade uma autoridade daquele país deu voz a tantas outras através da sua para mais uma vez denunciar o esquema, mas em uma dimensão que poucos conseguiriam. Expôs em rede nacional todas as barbaridades e se pôs à disposição da justiça daquele país para acabar com o problema.

Este evento levou esperança aos que sofrem as barbaridades inomináveis praticadas naquele local, um alento chegou aos seus corações, agora uma autoridade nacional denunciava o que acontecia ali em

Edson Araujo

rede nacional, mas ao contrário do que se pensava, todo aquele mecanismo se voltou contra o denunciante que além de ter sua reputação destruída ainda foi condenada a pagar uma multa milionária em moeda local.

O fato é que aquela denúncia não passou em branco pelos ouvidos dos populares e gerou um grande burburinho sobre o assunto.

Silenciada a autoridade e os demais denunciantes tudo voltou ao normal – como sempre foram em ocasiões semelhantes outrora.

Isso gerou novas denúncias e mais uma vez uma delas caiu em rede nacional.

Uma comoção maior tomou conta de muitas pessoas famosas e até da imprensa, dessa vez com algumas pessoas simples que faziam parte do esquema sendo presas.

Porém, o mecanismo com suas engrenagens poderosas, como em outras ocasiões entrou em ação como outras dezenas de vezes agora em seu favor protegendo o esquema.

Desta vez já não podia mais agir como antes e fizeram uma outra jogada, não menos eficiente que as anteriores.

Aproveitaram o embate de uma pessoa importante e polêmica daquele país com um figurão internacional e supervalorizaram a situação levando todas as atenções para o embate que teve como foco um direito fundamental. Quem não daria atenção a uma situação que ameaça seu direito fundamental?

Como num movimento natural do dia para a noite os holofotes viraram-se para esse grande evento enquanto "A ILHA" via ir embora mais uma chance de serem salvos, e o esquema com toda a crueldade que lhe é próprio vai em frente e

Continua a pleno vapor com toda a barbaridade rotineira e com ainda mais requinte, pois sempre que alguém se dispõe a denunciar o que acontece ali o mecanismo se reinventa protegendo-se ainda mais.

E mais uma vez toda a população esquece do pedido de socorro dos moradores do local chamado "A ILHA" e volta seus olhares para outra situação que embora seja de extrema importância, não é prioridade.

Quando haverá uma nova oportunidade para que aquelas pessoas tenham uma chance de viver, eu não sei, mas uma coisa é não certa, se não cuidarem dos seus irmãos, não haverá que. Sobreviva para que sejam uma família, um povo e por fim uma nação.

Não se resolve um problema interno com os olhos voltados para o externo.

Para reflexão deixo um texto bíblico cujo endereço é

“Mas, se alguém não tem cuidado dos seus, e principalmente dos da sua família, negou a fé, e é pior do que o infiel” 1 Tim 5:8

Que Deus abençoe a jornada dos moradores desse local chamado "A ILHA"!

A capa



“E depois, foram para Jericó. E, saindo ele de Jericó com seus discípulos e uma grande multidão, Bartimeu, o cego, filho de Timeu, estava assentado junto do caminho, mendigando. E, ouvindo que era Jesus de Nazaré, começou a clamar, e a dizer: Jesus, filho de Davi, tem misericórdia de mim. E muitos o repreendiam, para que se calasse; mas ele clamava cada vez mais: Filho de Davi! tem misericórdia de mim. E Jesus, parando, disse que o chamassem; e chamaram o cego, dizendo-lhe: Tem bom ânimo; levanta-te, que ele te chama. E ele, LANÇANDO DE SI A SUA CAPA, levantou-se, e foi ter com Jesus. E Jesus, falando, disse-lhe: Que queres que te faça? E o cego lhe disse: Mestre, que eu tenha vista. E Jesus lhe disse: Vai, a tua fé te salvou. E logo viu, e seguiu a Jesus pelo caminho.” (Marcos 10-46-52)

Os milagres de Jesus são maravilhosos e fascinantes, e neles há particularidades que, quando nos debruçamos para estudar o contexto, descobrimos tesouros escondidos. E no caso deste milagre não é diferente.

São muitos os detalhes deste ocorrido, mas quero me ater a apenas um: a capa. O relato descrito por Marcos descreve que Bartimeu, o cego, lançou fora sua capa ANTES de se encontrar com o Senhor Jesus, e este é um ponto crucial.

Danielly Jesus

Para os judeus a capa simbolizava a situação da pessoa perante a sociedade. A capa de um morador de rua, por exemplo, era diferente de todas as outras, pois quem a usava, indicava a todos ser um mendigo, diferente das pessoas da classe alta que usavam capas de linho fino.

Naquele tempo, Israel vivia sob o domínio do Império Romano, e até para mendigar, era necessário possuir autorização do governo. Na pesquisa que fiz, atrás desta capa havia a seguinte inscrição em latim: *“Este é um miserável, mendigueiro, vive de esmola”*. Imagino a vergonha que estas pessoas passavam naquele tempo.

Pois bem, Bartimeu era cego, e não surdo; logo, ele já tinha ouvido falar do Senhor Jesus, tanto que o chamou de *“Filho de Davi”*. Bartimeu tinha consciência de que Jesus era o Messias prometido a Israel. E, quando foi chamado pelo Mestre, jogou a capa fora.

Podemos apenas conjecturar os pensamentos que vieram naquele momento: *“Está louco?? Como vai fazer? Você não tem trabalho, como vai se sustentar sem as esmolas?”*. Contudo, Bartimeu não se deixou levar por nada que interferisse na sua fé. E obviamente, com sua cura, não necessitaria mendigar.

A capa de Bartimeu era a sua dependência, o que garantiria seu sustento; e qual é a capa que carregamos?

Certa vez, ouvi de uma pessoa muito amada o seguinte: *“Meu Deus, Dani, você tá chateada comigo? Esse é o MEU JEITO, SOU ASSIM MESMO, SOU ‘BICHO DO MATO’”*. Isso é uma capa; e, diga-se de passagem, uma das piores que existe.

A capa do *“meu jeito”* nos coloca em uma situação de conforto tão grande que é quase impossível vislumbramos uma vida sem ela; essa capa nos *“blinda”* de qualquer crítica que possa ser feita a nosso respeito. Essa capa é uma barreira entre aquilo que falsamente somos da realidade que nos cerca.

A Bíblia não relata se Bartimeu era cego de nascença; se não o era, ele não *“nasceu”* com a capa, mas aprendeu a viver com ela. Da mesma forma somos nós; por graça e misericórdia de Deus, o ser humano foi criado para se adaptar as mais diversas situações. Não sem propósito que o apóstolo Paulo disse:

“...pois aprendi a adaptar-me a toda e qualquer circunstância. Sei o que é passar necessidade e sei o que é ter fartura. Aprendi o segredo de viver contente em toda e qualquer situação, seja bem alimentado, seja com fome, tendo muito, ou passando necessidade. Tudo posso naquele que me fortalece.” (Filipenses 4.12-13)

Imagine o leitor se Bartimeu se apegasse àquele pedaço de pano? Não teria sido curado e, provavelmente, morreria na miséria. Observem como pode ser nocivo para nós agarrarmo-nos a certas *“capas”* que a vida nos oferece.

Danielly Jesus

Outra capa maldita é a mágoa; ela fecha nossa visão e nos faz pensar que sempre estamos certos.

“Foi fulano que errou comigo, ele que me peça perdão! Não sou otário, não sou trouxa!”

O Senhor Jesus, ao nos ensinar como orar, disse o seguinte:

“Perdoa as nossas dívidas, assim como perdoamos aos nossos devedores.” (Mateus 6.12)

Ou seja: se eu não perdoo, Deus também não pode me perdoar.

Isso também fica claro na vez em que Nosso Senhor contou a parábola do credor incompassivo (Mateus 18.23-35).

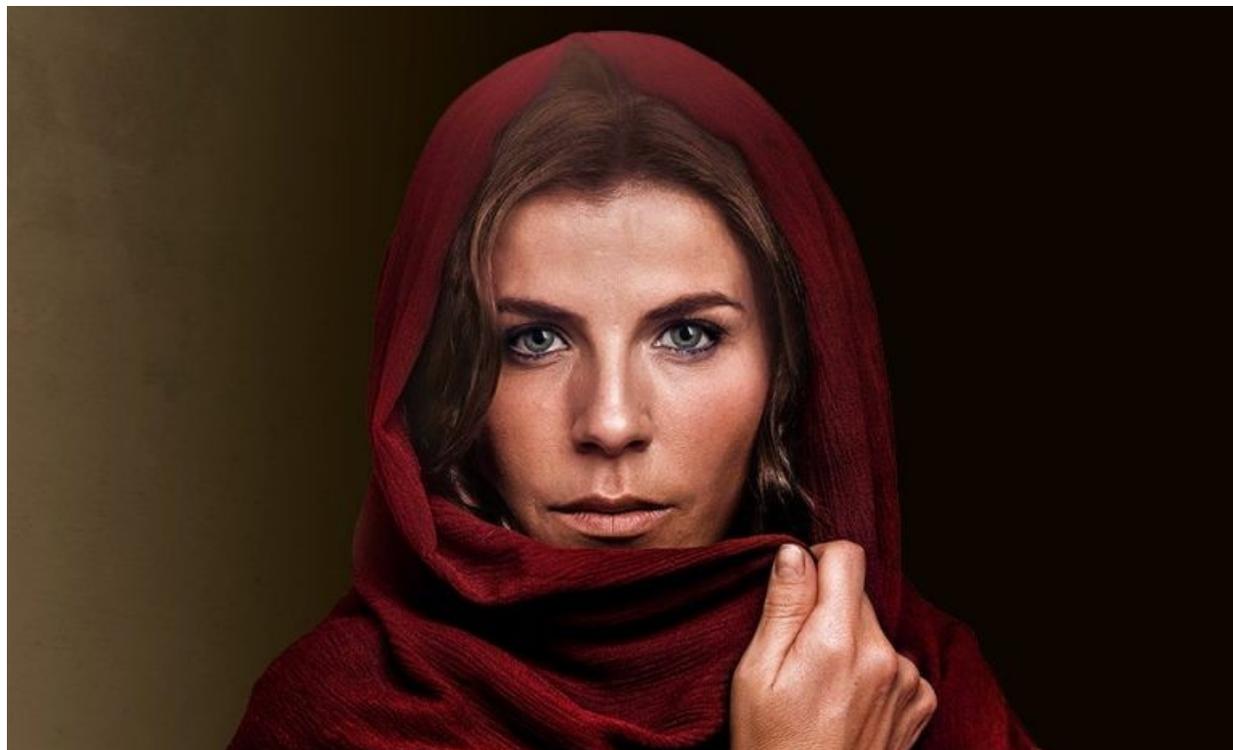
Quando lançamos as “*capas*” fora, estamos confiando que Deus estará conosco; quando joga no lixo a capa do “*meu jeito*”, estou abrindo possibilidades de e socializar melhor, de aprender a me adaptar, inclusive despertar até talentos escondidos. Quando joga no lixo a capa da mágoa, estou me limpando diante de Deus; o perdão é para que eu seja curado.

Poderia escrever umas vinte laudas apenas citando “*capas*”; porém confio no discernimento do leitor, que após esta breve leitura, irá se avaliar e lançar fora as capas para se encontrar com Jesus e ter uma nova vida.

[Acesse aqui](#)

The advertisement is set against a dark blue background. At the top left is the logo for MENEZES COSTA, featuring a scale of justice and an open book, with the tagline 'COM CONHECIMENTO SE CONSTRÓI CIDADANIA'. To the right, the text 'Livraria Curso Menezes Costa' is displayed in large white font. Below the logo, there are three main visual elements: 1) The cover of the journal 'CONHECIMENTO & CIDADANIA', Vol. 1, 2ª Edição Especial, Dezembro 2022, which features a warrior with a spear and shield. 2) A stack of several journal covers from the '1ª Edição Especial - Maio 2022' with various titles like 'A Gr...', 'O m...', 'As Op...', and 'O parado...'. 3) The cover of the book 'Direito nas Escolas', Volume 1, 'Noções de Direito Constitucional para alunos do Ensino Médio', by Leandro dos Santos Costa and Munique Menezes Costa, featuring a scale of justice and books.

Feminismo e contradições
Mulheres Bíblicas: PARTE I
Maria Madalena



Como tudo começou...

O movimento feminista tem raízes históricas que remontam ao século XIX. Os livros de história e muitos sites nos contam que a primeira onda do feminismo, por exemplo, emergiu no contexto de lutas por direitos das mulheres, incluindo o direito ao voto e mudanças na autoridade religiosa masculina nas igrejas. No entanto, quando exploramos as interpretações bíblicas e o papel da mulher segundo o feminismo, encontramos uma figura que desafia os estereótipos: Maria Madalena.

Interpretações Bíblicas e o Papel da Mulher segundo o feminismo

A Declaração dos Sentimentos, apresentada pelas feministas em 1848, já questionava conceitos bíblicos e abria caminho para futuros conflitos religiosos.

Elizabeth Cady Stanton, uma das líderes do movimento feminista de primeira onda, enxergava a Bíblia como um mito tenebroso que lhe roubava a alegria. Suas visões sobre a Bíblia e o cristianismo divergiam dos princípios bíblicos tradicionais.

Juliette Oliveira

O feminismo muitas vezes questiona interpretações tradicionais da Bíblia sobre o papel da mulher. Algumas feministas argumentam que a Bíblia foi usada para justificar a opressão e a submissão das mulheres.

Contudo, ao se mergulhar diante das escrituras nos deparamos com mulheres que não possuem o estereótipo de submissão que a sociedade tenta nos convencer. No contexto bíblico, a submissão está longe de ser uma aceitação de autoridade superior na figura do marido. Apesar de algumas definições considerarem a palavra submissão como algo inferior, a submissão bíblica está mais para humildade.

No âmbito familiar, a submissão é, por exemplo, o respeito do filho ao pai e a mãe. No caso da esposa, é respeitar seu marido. No entanto, os especuladores da discórdia esquecem que a Bíblia é apresentada como uma via de mão dupla. Não basta ser respeitado, é necessário ser digno de respeito. Como assim?

Na passagem do livro de Efésios, é destacado o amor sacrificial que os maridos devem ter por suas esposas, comparando-o ao amor de Cristo pela Igreja.:

“Maridos, ame cada um à sua mulher, assim como Cristo amou a igreja e entregou-se por ela.”
(Ef 5, 25)

Em Colossenses, é dado ênfase em amar e tratar a esposa com gentileza, evitando qualquer atitude negativa:

“Maridos, ame cada um a sua mulher e não a tratem com amargura.” (Col 3, 19)

No livro de Pedro, é ressaltado a importância de tratar as esposas com honra, reconhecendo-as como co-herdeiras da graça de Deus. Portanto, podemos afirmar que a Bíblia apresenta a figura feminina de modo respeitoso, com igualdade e dignidade.

“Do mesmo modo vocês, maridos, sejam sábios no convívio com suas mulheres e tratem-nas com honra, como parte mais frágil e co-herdeiras do dom da graça da vida, de forma que não sejam interrompidas as suas orações.” (1 Pe 3, 7)

Maria Madalena: uma mulher à frente do seu tempo

Maria Madalena, uma figura bíblica fascinante, é uma mulher à frente de seu tempo e com traços fortes que desafiaram as normas da época. Maria Madalena foi uma das seguidoras mais próximas de Jesus Cristo. Ela não apenas o acompanhou durante seu ministério, mas também testemunhou sua crucificação e ressurreição. Sua liderança espiritual se destacou entre os apóstolos e discípulos, o que era incomum para uma mulher na sociedade patriarcal da época.

Juliette Oliveira

Ela não hesitou em enfrentar desafios. Ela permaneceu perto de Jesus mesmo durante sua crucificação, demonstrando coragem e lealdade. Sua determinação a levou ao túmulo na manhã da ressurreição, apesar das dificuldades e do luto.

Mas quem foi Maria Madalena?

Maria Madalena é conhecida como a primeira pessoa a ver Jesus ressuscitado. Ela correu ao túmulo vazio e encontrou o Senhor. Essa experiência a tornou uma testemunha crucial da ressurreição, um evento central na fé cristã.

O nome de Maria Madalena carrega significado. “Maria” é derivado do hebraico “Míriam”, que significa “amada de Deus”. Ela personifica a dualidade da vida: amargura e graça divina. Assim como todos nós, Maria Madalena experimentou alegria e tristeza, mas sua fé e amor a tornaram uma figura notável.

Seu “sobrenome”, “Mágdala”, está relacionado à cidade onde ela nasceu e significa “a mulher da torre”. Ela era aquela que se destacava entre os apóstolos, guardiã dos ensinamentos de Cristo. Essa liderança e destaque podem ter gerado ciúmes entre os seguidores de Jesus, mas Maria Madalena permaneceu firme em sua missão.

“E Jesus, tendo ressuscitado na manhã do primeiro dia da semana, apareceu primeiramente a Maria Madalena, da qual tinha expulsado sete demônios.” Mc 16, 9

Essa passagem destaca a transformação na vida de Maria Madalena após seu encontro com Jesus. Ela não apenas testemunhou a ressurreição, mas também experimentou a libertação espiritual. A expressão “sete demônios” pode ser interpretada como possessão demoníaca ou como uma grave doença no corpo, mas o fato é que Jesus a curou e a transformou completamente.

Se a Bíblia fosse esse relato tão machista como alguns tentam insistir, Madalena teria tanta ênfase e importância dada nos textos bíblicos? Será que ela não seria ignorada ou omitida?

Maria Madalena não era apenas uma seguidora casual de Jesus. Ela estava profundamente envolvida em seu ministério e se destacava entre os discípulos. Sua proximidade com Jesus revela uma relação de confiança e respeito mútuo, algo incomum para uma mulher na sociedade patriarcal da época.

Ela vivenciou uma transformação de seu amor em Jesus ressuscitado. Ela se libertou de seu desapego interior e encontrou sua verdadeira força de amar. Ela se tornou capaz de amar com base naquilo que estava dentro de si, amando Jesus com sua recém-desperta força de amar.

Na verdade, a bandeira que o feminismo prega não é a igualdade, mas a libertinagem. O feminismo defende uma autonomia sexual das mulheres, ou seja, o direito de cada mulher tomar decisões sobre sua própria vida sexual, contracepção e prazer. Por isso, está em sua pauta ideias como o aborto e o “direito

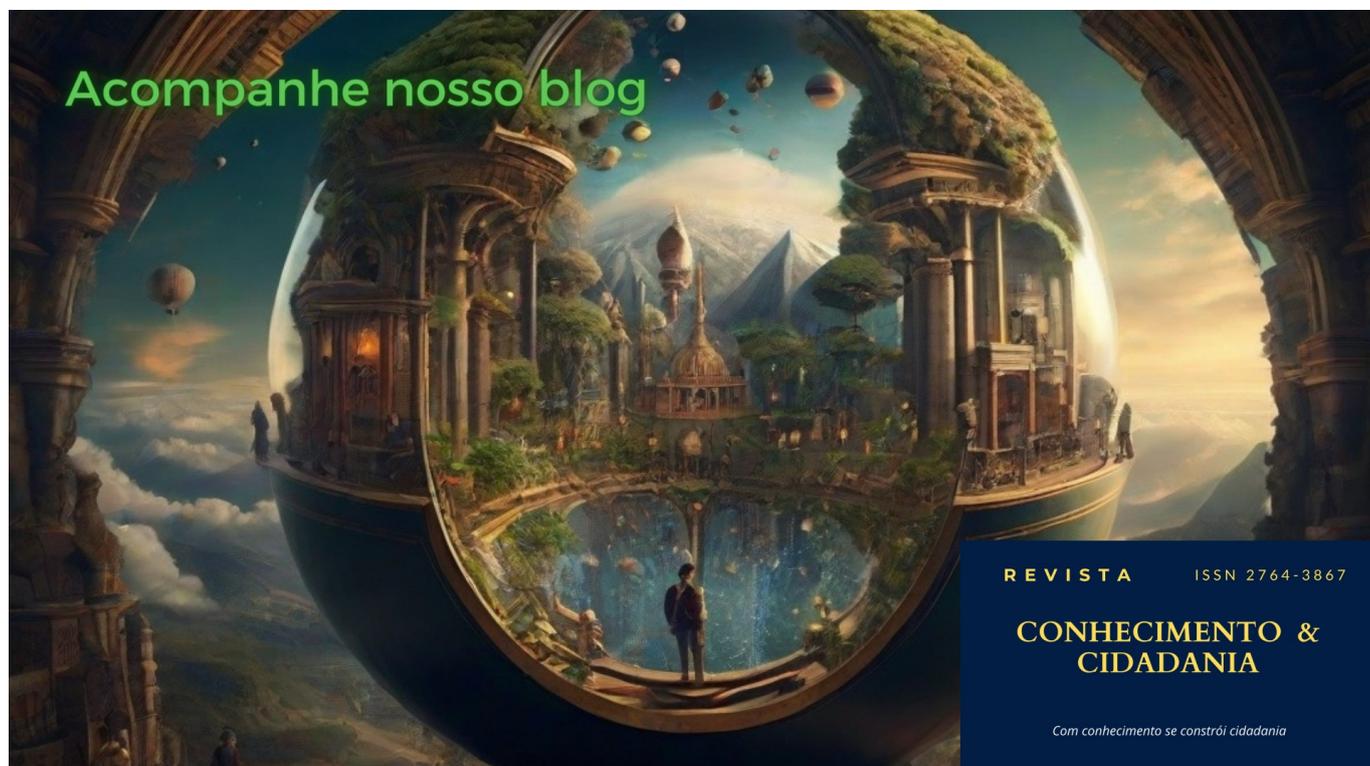
Juliette Oliveira

reprodutivo”. Algumas feministas defendem o acesso irrestrito ao aborto e o direito de escolher seus parceiros sexuais sem compromisso.

Ainda cabe destacar que o feminismo questiona a autoridade masculina. Algumas feministas veem a liderança masculina nas Igrejas como opressiva. A “autoridade masculina” representa Jesus Cristo e em contrapartida, uma vez representando Jesus, estes homens devem zelar pelas suas esposas, mães e filhas como o próprio Jesus. No final, a proposta bíblica é que homens e mulheres são seres diferentes e por isso possuem papéis complementares.

Em conclusão, se a visão cristã fosse inferiorizar as mulheres não haveria figuras como Maria Madalena. Ela transcendeu as limitações de sua época. Sua liderança espiritual, testemunho da ressurreição e coragem a tornam um exemplo inspirador para todas as mulheres. Ela personifica a dualidade da vida, mostrando que a graça divina pode transformar até mesmo os corações mais amargos. Maria Madalena é uma dentre tantas mulheres bíblicas que desafia os estereótipos e nos lembra que a fé não depende de gênero.

[Clique aqui](#)



A histeria antissemita não pode ser explicada de forma natural



Israel começa a sua história oficialmente pela ocasião do chamado de Abraão, conforme relata o capítulo 12 do livro de Gênesis. Ali, por volta de dois milênios antes de Cristo, na cidade de Ur dos Caldeus, na região da Mesopotâmia, Deus escolhe um homem para dar início a um projeto. Alguns pontos preliminares devem ser colocados. Em primeiro lugar, a questão da descendência. Abraão era filho de um homem chamado Terá, que pertencia à linhagem de Sem, um dos filhos de Noé, a partir de um de seus filhos, Arfaxade. Dessa linhagem provém o termo “semita” ou seja, descendentes de Sem. O que chama à atenção é que Sem teve outros filhos além de Arfaxade, ascendente de Abraão, e que também deram origem a outros povos, como ocorreu com todos os netos de Noé. Foram ele: Elão, Assur, Lude e Arã, além, é claro do próprio Arfaxade. Vamos exemplificar um caso, somente. Segundo Josefo: “*De Elão, o mais velho, vieram os elameenses, e dele os persas tiveram sua origem*” (Flávio Josefo. *A História dos Hebreus*. 2017. CPAD.). Ou seja, há vários povos de origem semita na história, então por que só Israel é associado ao semitismo?

Em segundo lugar, temos as sucessivas nomenclaturas que se sucederam ao longo da história para designar o povo original de Deus. Abraão era hebreu, e durante muitos séculos esse era o nome que identificava a linhagem que se originou nele. Em seguida veio seu filho Isaque, e depois seu neto Jacó, que teve seu nome modificado por Deus para Israel. O nome Israel não nasceu como uma nação, especificamente, mas como o nome de um homem.

Neto Curvina

Jacó teve doze filhos, que ficaram conhecidos como as doze tribos de Israel, de onde, de forma mais objetiva, podemos dizer que nasceu a nação israelita. Dentre esses doze filhos havia um chamado Judá, que recebeu do pai a bênção da realeza, o que, associado ao fato de que na divisão das tribos, o que viria acontecer tempos depois, ele se tornou junto com Benjamim o Reino do Sul, tendo Jerusalém como capital, fez com que os modernos filhos de Israel fossem chamados de judeus, ou seja, os da tribo de Judá, muito também em referência ao Machiach (Messias) aguardado, que necessariamente pertence a essa tribo.

É importante ressaltar que, embora a descendência profética de Abraão passe pelo seu filho Isaque, o “Filho da promessa”, este não foi seu único filho. Abraão teve um filho anterior a Isaque, chamado Ismael, filho de uma egípcia de nome Agar. Os egípcios são descendentes diretos de Cão ou Cam, a partir de Mizraim. Os filhos do hebreu Abraão e da egípcia Agar estão na raiz da origem dos povos árabes. Por isso que atualmente as tentativas de pacificar o Oriente Médio leva o nome de “Acordos de Abraão”, porque ao final das contas, tenta-se pacificar dois povos que descendem do mesmo pai, como se o problema fosse unicamente de ordem geopolítica ou histórica. Não é, e vamos explicar porque não é. Do ponto de vista profético há dois agravantes, um em relação à descendência de Cão ou Cam, e outro em relação à natureza de Ismael, filho de Agar. Ambas são hostis e belicosas. De Ismael diz a Escritura: ***“Disse-lhe também o anjo do Senhor: Multiplicarei sobremaneira a tua descendência, de modo que, por numerosa, não será contada. Disse-lhe também o anjo do Senhor: Conceberás e terás um filho, a quem chamarás Ismael, pois o Senhor ouviu a tua aflição. Ele será como um jumento selvagem entre os homens; a sua mão será contra todos, e a mão de todos, contra ele; e habitará diante de todos os seus irmãos.”*** (Gênesis 16:10-12).

Deus deu a Israel a terra de Canaã, desde o princípio. Primeiramente informa Abraão (**Gênesis 15:16**), reafirma para Moisés (**Êxodo 3:8**), e finalmente confirma em **Josué 3:10**, à época da conquista. Entre Josué e Salomão, as fronteiras desse reino são solidificadas e delimitadas de forma clara. Mesmo depois da divisão entre os dois reinos, do Norte (Israel), com capital em Samaria, e do Sul (Judá), com capital em Jerusalém, os limites sempre estiveram ali. Cumprida a promessa, não havia mais o que discutir, pelo menos em tese. Os sucessivos reinados globais levaram Israel de arrasto. Egito, Assíria/Babilônia, Média/Pérsia, Grécia e Roma se apossaram, cada um ao seu modo, da Terra Santa, impondo suas formas de administração. Algumas mais tolerantes, como a do Persa Ciro e alguns momentos pontuais de Roma, e outras mais agressivas como em boa parte do domínio babilônico. Finalmente veio o advento do islamismo, e toda a narrativa de confrontos na região foi subvertida de forma catastrófica, porque nela foi inserido de forma mais crítica o contexto do radicalismo religioso, um perigoso fanatismo que mudou a configuração geopolítica da região para algo bem mais complexo. Os

Neto Curvina

muçulmanos, ao contrário dos impérios anteriores, explicitaram o que vinha sendo tratado de forma subliminar por séculos: a importância transcendental de Jerusalém, o centro de tudo.

Quando o califado se impõe na região, entre os séculos VII e VIII, houve, a princípio, uma aparente liberdade de trânsito na região em relação aos locais sagrados, tanto por judeus como por cristãos, mas no ano 1009, no governo do terceiro Califa, El-Hakim, uma perseguição foi deflagrada e a Igreja do Santo Sepulcro foi destruída. Cerca de 70 anos depois Jerusalém foi verdade para qualquer um que não fosse muçulmano, o que ensejou o surgimento das Cruzadas, e o resto é história. Um conflito após o outro entre cristãos e muçulmanos, com o domínio passado por vários governos, até que em 1516 os otomanos vindos da Turquia se apossaram de Sião.

O sistema entra em ação, propriamente dita, durante a Primeira Guerra Mundial, quando, em 1917, tropas inglesas comandadas pelo general Allenby tomam Jerusalém do já combalido Império Otomano. Ali o “Império onde o sol nunca se põe” mostra a sua verdadeira face no tabuleiro geopolítico global. Ajudado inicialmente por árabes liderados por Faiçal, adversário dos turcos, os britânicos deram a entender a eles que lhes cederiam a Palestina. Puro engodo. Já existia um plano no underground, que viria a ser confirmado pela Liga das Nações sete anos depois da ocupação inglesa, que era a existência de um estado judeu na região. A Grã-Bretanha, subsidiada pela Liga, que viria se tornar a ONU tempos depois, usou a estratégia de dividir para conquistar e ludibriou árabes, judeus, palestinos e muçulmanos. Pelo que declarou um sábio judeu: *“A Inglaterra prometeu um lar nacional ao povo judeu e depois esqueceu o povo ao qual fizera a promessa. Grupos comunistas fazem grandes promessas antes de chegar ao poder, mas depois esquecem rapidamente dos seus ideais humanitários.”* (Irving Bunim, A Ética do Sinai). Alguém pode se perguntar: “O que tem a ver Inglaterra e comunismo?”. Minha resposta é simples: “Seja bem-vindo ao sistema”.

Se lançarmos um olhar completamente imparcial sobre a história milenar de Israel, com exceção à conquista de Canaã, não há um único relato desde Jesus Cristo para cá, ou seja, de cerca de dois milênios, de que os israelitas tenham iniciado um conflito fora dessas fronteiras ou mesmo que não tenha sido para se defender de ataques covardes e desproporcionais como ocorreu na Guerra dos Seis Dias em 1967 quando, atacado simultaneamente por Egito, Síria e Jordânia, países bem maiores, não só derrotou os três como anexou territórios de todos eles, em um episódio de proporções bíblicas típico da história israelense. Esse povo foi espalhado pelo mundo em sucessivas diásporas, perseguido em todos os continentes em maior ou menor grau, teve seus bens confiscado, suas famílias divididas, sua identidade manipulada, foi vítima do maior genocídio de guerra da história, e mesmo assim é visto como uma ameaça pelo sistema que atua nas sombras, e ninguém se detém por um instante para se perguntar o porquê. Hanna Arendt declara que *“Se é verdade que a humanidade tem insistido em assassinar judeus durante mais de 2 mil*

Neto Curvina

anos, então a matança de judeus é uma ocupação normal e até mesmo humana, e o ódio aos judeus fica justificado, sem necessitar de argumentos” (Hanna Arendt. *As Origens do Totalitarismo*. Companhia de Bolso. 2018.).

O antissemitismo moderno migrou do Oriente Médio diretamente para a Europa e se transformou na mais brutal e complexa teoria da conspiração da história contemporânea. Tudo por conta de uma obra apócrifa feita sob encomenda no Leste Europeu, chamada “Os Protocolos dos Sábios de Sião”, uma peça de ficção que influenciou o pensamento do Velho Continente desde o final do século XIX, se valendo, de um modo diabolicamente estratégico, da posição privilegiada que meia dúzia de judeus, hábeis em seus negócios e operações financeiras, ocupavam na formação da moderna Europa. Narrativas fantásticas sobre meia dúzia de famílias judaicas que supostamente controlavam a economia global e a mídia vigente, se transformaram em matéria-prima para um conto sombrio que colocava os judeus, um povo que sequer tinha onde morar, no centro de um plano nefasto de dominação global. Historicamente falando, foi no seio da aristocracia prussiana do final do século XVII que começou a surgir aquilo que seria o esboço do antissemitismo como o conhecemos hoje. Nem precisamos esmiuçar a influência que “Os Protocolos” tiveram em uma mente insana como a de Adolf Hitler, que despejou sua psicopatia na obra “*Mein Kampf*” onde acusa os judeus abertamente de financiar a prostituição, ‘tráfico branco’ (seja lá o que isso significa), racismo, manipulação da mídia, propagação de pestes, e de serem eles os verdadeiros precursores do marxismo, uma ironia da história, visto que Marx de fato era de ascendência judaica, porém possuía verdadeira aversão pelos valores mais elementares e tradicionais de seu povo e sua história. Hitler, um demente de instintos selvagens, foi o idiota útil usado pelo sistema para morder a isca que desencadeou o caos. Ele acusou os judeus de marxismo, sem saber que os homens que patrocinaram loucuras como “O Manifesto do Partido Comunista” foram os mesmos que patrocinaram “Os Protocolos dos Sábios de Sião”. E todos estavam por trás da Liga das Nações, que veio a se tornar ONU. É só juntar as peças, agora. Quando Hitler diz que o grande problema do mundo novo é o “problema judaico”, ele fala pelo sistema que vê atuando nas sombras para destruir Israel desde sempre.

Quando você observa a atmosfera da Terra Santa, consegue captar por um instante o odor de pólvora pronto para ser incendiada. Vamos usar somente um exemplo a cidade de Belém, terra Natal do nosso Senhor Jesus Cristo. Aquilo ali sempre foi possessão israelita, desde os tempos de Davi. Aliás, o maior rei da história de Israel nasceu lá. Hoje, está em área Palestina, sob domínio árabe/muçulmano. Ocorre que Belém vive praticamente do turismo religioso, visto na cidade encontra-se o Complexo da Natividade, que abriga o local onde o Messias nasceu, o local da manjedoura, o lugar onde Jerônimo viveu e traduziu a Bíblia do grego para o latim, dando ao mundo a Vulgata, e o Campo dos Pastores, que teria sido onde os pastores foram avisados por um anjo do nascimento do menino. Logo,

Neto Curvina

obrigatoriamente, estamos falando de um lugar cristão. E para ‘melhorar’, o Complexo é administrado simultaneamente por três igrejas cristãs: a Ortodoxa Grega, a Ortodoxa Armênia e a Católica Romana. Entenda: é um lugar dentro do território de Israel, sob controle de árabes muçulmanos, que vive da fé que os cristãos do mundo todo tem em um... judeu. Há momentos em que todo esse pessoal se cruza pelas ruas estreitas e acidentadas de Belém da Judeia. O que queremos explicar é que TODO o mundo teoricamente monoteísta tem suas garras fincadas na Terra Santa e disputa palmo a palmo cada centímetro. Mas estamos falando de um país do tamanho do Sergipe, sem mananciais de água doce, sem grandes jazidas de ouro ou diamante, sem impressionantes reservas de petróleo ou gás, encravado no meio de um deserto, com fronteiras totalmente acidentadas e um histórico pouco convidativo.

Observe como o praticamente todo o universo fundamentalista do Oriente Médio respira terror em relação a Israel. Observe como a ONU sempre condena suas ações, mesmo que defensivamente justificáveis, ao passo que apoia incondicionalmente ditaduras sanguinárias que desrespeitam sistematicamente os direitos humanos, principalmente de mulheres e crianças. Observe como qualquer reação de Israel contra grupos terroristas é tida como desproporcional e genocida. Observe como contra Israel todo mundo pode tudo. E depois de observar tudo isso, pergunte-se: o que querem todos eles?

A histeria antissemita não pode ser explicada de forma natural. Não se amolda a realidade dos fatos, ao escrutínio da razão, por mínima que seja, como se possível fosse. A histeria antissemita é obra clara e acabada de um sistema diabólico que se sustenta em pilares humanamente incompatíveis, uma hidra hodierna com muitas cabeças que atendam por vários nomes, como comunismo, positivismo, progressismo, nazismo, ecumenismo, globalismo, etc., que tem como função pétrea extirpar do planeta todo e qualquer resquício da tradição judaico-cristã que existe. Uma função descrita em várias obras que alimentam a histeria, de forma clara ou subliminar. A histeria antissemita é sobretudo espiritual. E se você quer realmente saber quem está do lado certo ou errado da história, observe quem está a favor ou contra Israel. Essa régua não falha nunca.

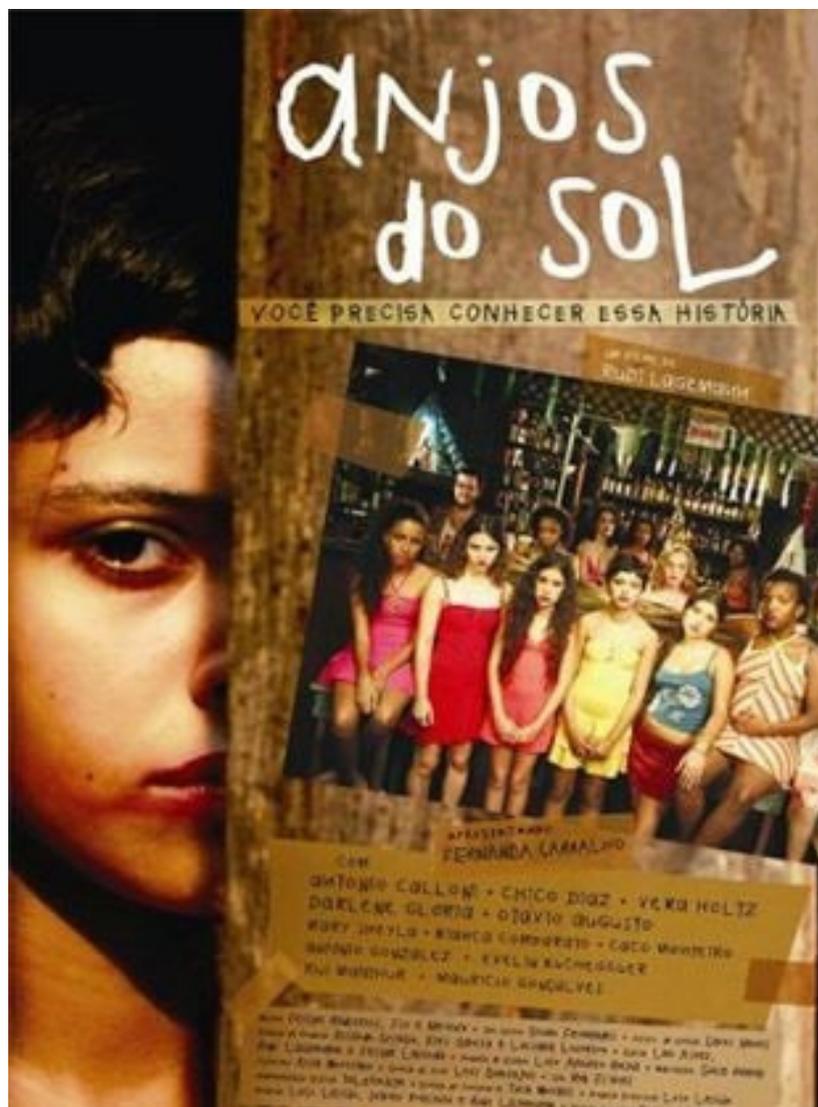
Caderno Variedades



Neste caderno encontrarão sugestões culturais. Dicas de filmes, livros, poemas, música.

Edição realizada por Leandro Costa

Dica de Filme



Anjos do Sol

Sinopse

Maria (Fernanda Carvalho) é uma jovem de 12 anos, que mora no interior do nordeste brasileiro. No verão de 2002 ela é vendida por sua família a um recrutador de prostitutas. Após ser comprada em um leilão de meninas virgens, Maria é enviada a um prostíbulo localizado perto de um garimpo, na floresta amazônica. Após meses sofrendo abusos, ela consegue fugir e passa a cruzar o Brasil através de viagens de caminhão. Mas, ao chegar no Rio de Janeiro, a prostituição volta a cruzar seu caminho.

Fonte: [Adoro cinema](#)

Nossa opinião

A obra de ficção é uma forma encontrada para denunciar uma das piores mazelas que assola o mundo, especialmente as áreas mais pobres. No Brasil a situação não é diferente, a exploração sexual infantil, o tráfico de pessoas e a “venda” de crianças, algumas vezes realizada pelos próprios pais, são situações as quais devemos nos opor com todas as forças. As denúncias devem ser apuradas e o mal confrontado, bem como, seus agentes punidos de forma enérgica pelas autoridades.

É indispensável encarar tal obra, ainda que ficcional, como um grito de alerta contra crimes que ocorrem hodiernamente, vitimando seres humanos inocentes.

REVISTA

ISSN 2764-3867

CONHECIMENTO & CIDADANIA

Com conhecimento se constrói cidadania

SIGAM-ME

Nas redes sociais



Canal whatsapp Revista Conhecimento & Cidadania



revistaconhecimentocidadania@gmail.com



@revistaconhecimentocidadania



@revistaconhecimentocidadania



@RevConhecimento



